

Vendas guardam a história do comércio do interior

Estabelecimentos eram a ligação entre colonos e os clientes da cidade

A beira da BR-116, no município de Pica-da-Café, em uma casa construída em 1946, vive a comerciante Norma Dhein. De seus 84 anos, 78 foram vividos praticamente atrás do balcão da venda fundada pelo pai, Fridolino Schneider, quando ela tinha 6 anos.

De lá para cá, Norma se casou, teve três filhos e a venda continuou a fazer parte da rotina. Ela conta que o falecido pai tinha um problema na perna, o que dificultava seu trabalho na roça. Por isso, dedicava-se ao ofício de consertar as malas dos tropeiros.

O ir e vir das mercadorias entre a Serra e a Capital e a

necessidade de a comunidade local ter um ponto para comprar aquilo que não produzia podem ter sido a inspiração para o pai abrir o negócio.

Aliás, era comum cada colônia ter uma venda, tipo de comércio que se mantém em alguns lugares. Os estabelecimentos compravam dos colonos os excedentes produzidos, como banha, frutas, ovos e aipim. Depois, essas mercadorias eram entregues aos intermediários maiores, localizados junto aos portos e nas estações de trem.

Segundo Norma, a casa da família também servia como salão de bailes aos fins de semana, lembrança



Há 78 anos, Norma Dhein vive na venda fundada pelo pai

ainda viva na vizinhança. A venda ainda foi uma fabriqueta de tamancos.

Hoje, o ritmo de vendas é mais lento e o Bar da Norma comercializa principalmente bebidas e alguns itens de cama e mesa, além de calçados. “Mas eu quero terminar com isso porque não

tem mais como subir”, disse, referindo-se à escada, pois essas mercadorias se encontram em prateleiras mais altas. A venda hoje também é ponto de encontro dos moradores para jogos de carta aos fins de semana. “Eu vou continuar enquanto tiver saúde”, diz Norma.

Vida de Pedro Adams Filho marcou a indústria calçadista

ACERVO DA FUNDAÇÃO SCHEFFEL

O industriário Pedro Adams Filho, que dá nome a uma das avenidas mais movimentadas de Novo Hamburgo, foi um dos pioneiros do setor coureiro-calçadista no Estado. Também teve forte atuação política e participou da fundação da Associação Comercial, Industrial e de Serviços (ACI) e do Sport Club Novo Hamburgo. Também presidiu a Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo e participou o movimento emancipacionista.

Como empreendedor, fundou em 1898, impulsionado pela chegada do trem, a Fábrica de Calçados Sul-Riograndense. “Os negócios de Adams prosperavam e se diversificavam e, em 1912, ele já era agente do Banco da Província em Novo Hamburgo, o que, certamente, lhe facilitou a obtenção de mais créditos para suas empre-



Pedro Adams Filho

sas”, pontua a historiadora Cláudia Schemes*. Adams investiu em maquinário, o que permitiu colocar no mercado um produto diferenciado. Ele ainda abriu um curtume em 1917, o Hamburguez.

*Artigo “Pedro Adams Filho: trajetória de um industrial teuto-brasileiro”



Marcas que orgulham
Novo Hamburgo

ECONOMIA

A imigração alemã em Novo Hamburgo impulsionou a economia e a cultura local, trazendo inovação, diversificação e um legado empreendedor para o Vale do Rio dos Sinos.



TURISMO
NOVO HAMBURGO

PREFEITURA
NOVO HAMBURGO

